

Encontro de Mulheres do Semiárido

Sem Feminismo não há convivência com o Semiárido! Sem Feminismo não há Agroecologia!

O Encontro de Mulheres da ASA, realizado entre os dias 10 e 12 de agosto de 2026, em Gravatá (PE), foi inspirado pela trajetória de Margarida Maria Alves¹, se encerrando no dia em que completam 43 anos do seu assassinato. Ela foi morta por ser uma mulher liderança sindical que buscou garantir direitos para os seus. Nos vemos nela, mas não queremos morrer na luta. Queremos viver!

Esse encontro foi uma grande oportunidade de diálogo e escuta entre nós. Ouvimos histórias de mulheres que foram desencorajadas a ir, a fazer, foram criticadas em suas decisões, ouviram que aqueles espaços não eram para elas, que elas não eram capazes de ocupá-los ou de realizar alguma ação ou tarefa. Mas que foram, seguiram e fizeram, mesmo assim, apesar do que ouviram, apesar das críticas, das caras feias, dos não no caminho. Quantas vezes Margarida foi desencorajada e ameaçada?

Ouvimos histórias de mulheres que sentiram e sentem medo, mas que escolhem seguir com medo mesmo, que ousam, que arriscam e assim descobrem que existe um mundo mais amplo, interessante e diverso depois do medo. Que assim como Margarida, escolheram não usar o medo para guiar suas vidas.

Quando ao contar uma história é preciso informar que aquela mulher foi a primeira em algo, somos lembradas de como o patriarcado ainda impera, se assim não fosse, a presença das mulheres em todos os espaços seria natural. E como é importante escutarmos a história das mulheres, já que a história, em geral, é a história daqueles que têm voz e escrevem a história, é a história dos homens que detêm poder.

Nesse exercício de escuta da outra, nos encontramos e percebemos como a histórias das mulheres é a história da resistência e resiliência dos povos do Semiárido, o filme O Bem Virá², dirigido por Uilma Queiroz, que muito usamos

¹ para saber mais sobre Margarida Maria Alves:
<https://www.marchadasmargaridas.org.br/?pagina=asmargaridas>

² <https://asabrasil.org.br/2025/08/11/o-bem-vira-documentario-que-o-brasil-precisa-ver/>

em nossos espaços nos últimos tempos, nos lembra como nos períodos de grandes secas, muitos homens migraram em busca de oportunidades, enquanto as mulheres, em sua maioria, ficaram e se organizaram para enfrentar a fome, a sede e criaram caminhos para mudar essa realidade. Muitas feiras agroecológicas existentes no Semiárido hoje foram iniciadas por mulheres, enquanto seus maridos migraram. As mulheres são 51% da população do Semiárido (sendo 49% no rural e 51% no urbano). E metade da população do Semiárido não pode ser vista, percebida ou tratada como minoria.

Também ouvimos e olhamos para as histórias daquelas que nos antecederam, observamos muitas semelhanças, como algumas tantas que gostaríamos de não mais notar. Ouvimos histórias de violências, que nos tocam, nas nossas experiências pessoais ou coletivas, pois todas conhecemos mulheres que viveram violências ou fomos nós mesmas que as vivenciamos. Essas histórias nós escolhemos aqui não reproduzir, não é essa a história a que queremos dar voz quando falamos de nós mesmas.

Todas essas histórias nos provocam perguntas. Quantas de nós chegaram nos espaços de poder e de decisão? Quantas das que chegaram realmente lideraram? Em que condições ocupamos esses espaços?

Liderar, estar nos espaços de poder e participar das decisões é um dos nossos grandes desafios e, por isso mesmo, é o nosso grande compromisso. A arquitetura do poder não está pronta para nós, mas precisamos, urgentemente, sermos tão presentes nos espaços de liderança e decisão quanto somos nos territórios. Os espaços de poder precisam mudar, devem se tornar mais confortáveis para nós hoje e para as próximas. Assegurar a representação política das mulheres sem violência de gênero deve ser um compromisso de toda a ASA. Existem ainda outros compromissos que aqui registramos:

Das mulheres com a ASA:

- Incluir os homens nessas discussões, partilhar nossas experiências, entre mulheres e também com os homens da rede, trazê-los para perto dessas questões, seguir apoiando e recebendo apoio dos companheiros para construirmos juntos as soluções;
- Seguir construindo essa rede, com todo compromisso e cuidado como o fizemos até hoje.

Da ASA com as mulheres da rede:

- Não mais ouvir dos nossos companheiros e companheiras que não somos capazes, competentes ou suficientes para as tarefas às quais nos propomos e para as funções que ocupamos. Não mais sentir que temos que provar que somos capazes, o tempo todo e repetidamente;

- Deixar de receber cobranças excessivas e injustas, não queremos mais precisar ser melhores do que homens para ocupar os mesmos lugares;
- Atuar ativamente na campanha pela justa divisão do trabalho doméstico, trazê-la de forma mais ativa para dentro dos programas. As questões sobre sobrecarga do trabalho e do cuidado devem ser centrais para a ASA;
- Construir uma comunicação popular, feminista, antirracista, antilgbtfóbica e inclusiva, que contemple as experiências das mulheres nos seus territórios;
- Desenvolver processos de formação capazes de provocar uma leitura crítica das desigualdades e de construir caminhos para a superação destas, inserir temáticas de gênero e feminismo, LGBTQIAPN+, bem-estar, saúde mental e autocuidado;
- Realizar encontros de mulheres anualmente. Ficamos 8 anos sem nos reunir e entendemos que isso foi muito negativo e não deve se repetir. Estes encontros devem oferecer estrutura para todas as mulheres, com crianças, lactantes, mães atípicas e também que todos os espaços coletivos, encontros, capacitações, contenham um espaço de recreação para as crianças;
- Fortalecer a luta para a água do cuidado, pois ainda que haja a divisão no trabalho doméstico, a busca da água e sua gestão segue sendo das mulheres;
- Garantir nas equipes executoras a paridade, 50% de mulheres;
- Garantir equipes multidisciplinares em todos os programas para lidar com as questões apontadas e com os adoecimentos mentais e emocionais;
- A violência, em suas diversas dimensões, é estruturante da vida de todas as mulheres, e deve ser assim considerada em todas as definições e ações da rede;
- Ampliar a formação para as equipes técnicas de forma que sejam capazes de acionar a rede de proteção e encaminhar para os canais de denúncia as situações de violência identificadas, assim como a criar protocolos com orientação para que homens e mulheres saibam como encaminhar situações de violência;
- Criar e fortalecer mecanismos de proteção e defesa para as profissionais dos projetos;
- Fortalecer e acelerar a implementação da Política de Salvaguarda;
- Garantir a paridade de 50% nas coordenações estaduais;

- Saber, todos os dias, que não basta dizer nos textos, nas narrativas e nas cartas, que essas mudanças precisam acontecer nas práticas; elas precisam orientar nossas escolhas todos os dias;
- Que a realidade que vivemos seja diferente, para que nossas vidas se afastem da exaustão e dos adoecimentos físicos e mentais que vivenciamos com maior frequência do que os homens, consequência de vivermos em um mundo que não foi moldado nem por nós, nem para nós.

Na incidência da ASA em políticas públicas:

- Assegurar o acesso à terra, às nossas casas;
- Garantir às mulheres maior e melhor acesso às condições para produção, beneficiamento e comercialização, ampliando o acesso ao crédito, à assessoria técnica, aos equipamentos, à infraestrutura e aos mercados;
- Incidir para a construção de políticas estruturantes para a convivência com o Semiárido e para a agroecologia, reduzindo a penosidade do trabalho, ampliando o acesso a equipamentos que facilitem a vida de todas as mulheres;
- Ampliar o acesso à educação contextualizada, escolas em tempo integral, que cesse o fechamento das escolas rurais e que possamos ter a formação das professoras e dos professores adequada à nossa realidade;
- Desburocratizar os créditos oferecidos para a nossa realidade e condições;
- O cuidado precisa ser repartido, os nossos espaços precisam ser mais femininos. A resposta à pergunta que nós fazemos, quem cuida de quem cuida, não pode mais ser apenas outras mulheres. Os homens precisam também cuidar de si e de nós. O Estado brasileiro precisa também assumir sua parte no cuidado;
- Incidir diretamente sobre a construção do Plano Nacional de Cuidados, estruturado no programa Brasil que Cuida, que é o instrumento estratégico do Governo Federal para executar a Política Nacional de Cuidados (Lei nº 15.069/2024 e Decreto nº 12.562/2025). Ele reconhece o cuidado como um direito humano fundamental, dividindo a responsabilidade entre o Estado, a sociedade e as famílias;
- Criar espaços de lazer no meio rural para mulheres, jovens e pessoas idosas, que sejam seguros e onde todas e todos se sintam confortáveis;
- Ampliar o acesso a água e ao saneamento rural, considerando as especificidades das mulheres do campo, das águas e das florestas;

- Ampliar, para as mulheres rurais, o acesso à segurança, através de delegacias da mulher, patrulhas Maria da Penha e outros;
- Ampliar, para as mulheres rurais, o acesso aos serviços de cuidado, como creches, restaurantes populares mantidos pelo poder público em parceria com organizações populares e cozinhas solidárias, lavanderias coletivas;
- Ampliar o transporte rural conectando os serviços de educação, lazer e saúde;
- Fortalecer as políticas de saúde relacionadas às plantas medicinais e a identidades de rezadeiras, benzedadeiras e das mulheres rurais em geral;
- Regular o uso de agrotóxicos e a limitar o uso de drones;
- Assegurar os programas de convivência com o Semiárido sendo eles: P1MC, P1+2, Sementes, Quintais das Margaridas, Reuso, Cisternas nas Escolas, Um Milhão de Tetos Solares. Universalizar o P1MC e o P1+2, incluindo pessoas aposentadas;
- Retomar ações que tem como público exclusivo mulheres, como aconteceu com o Projeto Quintais das Margaridas, integrante do Programa Quintais Produtivos para Mulheres Rurais do Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA.

Por fim, o ponto de extrema importância para o momento é que precisamos incidir sobre o processo eleitoral de 2026, pois sabemos que um avanço da extrema direita significa um enorme retrocesso para nós, ameaça a nossa participação política, o que avançamos até agora e tudo o que pontuamos nesta carta. Precisamos votar em candidatas e candidatos que fortaleçam o projeto de sociedade que sonhamos, precisamos escolher bem as senadoras e senadores, as deputadas e deputados, federais e estaduais, as governadoras e os governadores e também a presidência.

Da voz da outra fazemos a nossa voz, abrimos caminhos, mudamos e mudaremos as estruturas por dentro. Até que todas possamos estar livres, seguras e vivas. E para os desafios do futuro, o que sabemos é que precisam ser diferentes dos desafios do presente. As mulheres que virão depois de nós, nossas filhas, netas, sobrinhas, amigas, a juventude, o futuro, deverão lidar com outros desafios e não mais estes com que lidamos hoje.

E reafirmar que se é bom para as mulheres, se é espaço seguro e confortável para mulheres e crianças, é bom, seguro e confortável para todo mundo! A nossa principal força é que nós mulheres somos uma rede de apoio entre nós, nos sustentamos, ouvimos e ajudamos a levantar das quedas e caminhar de novo e os companheiros da ASA são e precisam ser cada vez mais, parte dessa rede.

A ASA é um espaço nosso, de mulheres, que nos incentiva a falarmos e sermos ouvidas, a ASA faz parte do nosso caminho de auto-organização e construção desse mundo que sonhamos e criamos!

Vida longa à ASA! Medo seguiremos tendo, mas não usaremos, até que todas e todos sejamos livres!

Mulheres da ASA

Semiárido Brasileiro, 12 de agosto de 2026